

*Censura*

036

1170/69

10a.

P R O M E T E U    A C O R R E N T A D O

É S Q U I L O

TRAGEDIA - Um ato  
S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para  
Grupo de Teatro Independente  
e para fins de Censura. Sua apre-  
sentação em teatro, rádio, televisão,  
e outros meios de comunicação, depen-  
de do pagamento prévio dos direitos  
autorais.

Personagens:

- O PODER
- BIA personagem mudo
- FULCANO
- PROMETEU
- OCEANO
- IO
- MERCÚRIO
- CORO

P. Alegre, e de abril de 19 69  
Isaac Huda  
S. B. A. T.

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE

TEATRO DE ARENA

GTI-TAPA

P.A. 31/3/69

IMPRESSÃO  
ATÉ 10 ANOS



O PODER - Eis-nos chegados aos confins da terra, à longínqua região da Cítia, solitária e inacessível! Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que receveste de teu pai, e acorrentar este malfeitor, com indistrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, - teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela Humanidade.

VULCANO - Para vós, Poder e Violência, - a ordem de Júpiter está cumprida; nada mais resta a fazer. Quanto a mim, sinto-me sem coragem para acorrentar pela força a um deus, meu parente, sobre esta penedia, exposto à fúria das tempestades! Vejo-me, no entanto, coagido a fazê-lo, pois seria perigoso esquecer as ordens de meu pai. Preclará filho da sábia Têmis, é bem contra a minha vontade, e a tua, que te vou prender por indissolúveis cadeias, a este inóspito rochedo, de onde não ouvirás a voz, nem verás o semblante de um único mortal; e onde, queimado lentamente pelos raios ofuscante do sol, terás adusta a epiderme; onde a noite estrelada tardará a poupar-te à luz intensa, assim como o sol tardará em secar o orvalho matinal. Oprimir-te-á o peso de uma dor perene, pois ainda não nasceu, sequer, o teu libertador. Eis a consequência de tua dedicação pelos numanos; como deus que tu és, fizeste aos mortais uma dádiva tal, que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis. Como castigo por essa temeridade, ficarás sobre esta rocha terrífica, em pé, sem sono e sem repouso; debalde farás ouvir suspiros e clamores dolorosos; o coração de Júpiter é inexorável... Um novo senhor é sempre severo!...

O PODER - E Então? Por que tardas ainda? De que vale esta vã piedade? Pois quê? ... por acaso não detestas a uma divindade inimiga dos demais deuses, visto que transmitia aos homens as honras que eram teu privilégio?

VULCANO - É que ... os laços do sangue, e os da amizade, são poderosos!

O PODER - Sem dúvida! Mas como desobedecer as ordens de teu pai? Não o temes, por acaso?

VULCANO - Tu serás sempre, ó Poder, destituído de piedade, e capaz de tudo!

O PODER - Certamente! De que serve lamentar a sorte deste criminoso, uma vez que não há remédio possível para seu mal? Não te cansas, pois, na busca de um socorro inútil,.

VULCANO - Oh!... Como abomino o ofício a que me consagrei!

O PODER - Por quê? Esse ofício não é a causa, nem a origem, dos males que aqui vemos presentes.

VULCANO - Quem me dará um compadheiro, que comigo partilhasse deste sacrifício!...

IMPRÓPRIO  
ATÉ 10 ANOS

O PODER - Muito podem os deuses, na verdade, porém dependem de um poder supremo; só Júpiter é unipotente.

VULCANO - Realmente assim é... Tudo o que vemos o prova; nada tenho a objetar.

O PODER - Nesse caso, por que não cumpres tua missão, a fim de que teu pai não te veja negligente?

VULCANO - Os elos para os braços, ei-los aqui; podes vê-los.

O PODER - Vamos! Passa-lhos pelas mãos!... agora, prende-os ao recheado por fortes marretadas.

VULCANO - Já o fiz, e meu trabalho não será em vão.

O PODER - Mate ainda mais! Aperta! Não deixes afrouxar a corrente, pois ele é habilidoso, e capaz de se libertar de nós inextricáveis!

VULCANO - Este braço em caso algum se poderá desprender...

O PODER - Pois acorrenta agora o outro, de tal sorte que ele sinta, embora engenhoso, que é inferior a Júpiter.

VULCANO : Eis aí! Como o fiz, ninguém poderá censurar, excepto Prometeu.

O PODER - Prende agora com toda a força Este gancho de aço, atravessando-lhe o peito.

VULCANO - Ai de ti, Prometeu! Como me penaliza tua desgraça!

O PODER - Eis-te de novo hesitante, com pena dos inimigos de Júpiter! Cuidado, Vulcano; que também um dia virás a sofrer!

VULCANO - Vê! Que horrendo espetáculo!

O PODER - Vejo apenas um audacioso convenientemente castigado. Vamos! Passa estas correntes em torno de seus quadris!

VULCANO - Sei o que me cumpre fazer! Tuas ordens são supérfluas!

O PODER - Não importa! Minhas ordens e meus gritos não deixarão de te apressar! Desce um pouco agora; prende-lhe as pernas por fortes elos.

VULCANO - Já o fiz, sem grande dificuldade.

O PODER - Prende agora os pés por meio destes cravos. Quem vai julgar teu trabalho é severo; não o esqueças!

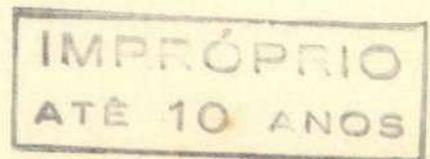
VULCANO - Como tuas palavras correspondem bem a teu interior!

O PODER - Apiada-te de quem quiseres, mas não censure minha audácia, nem a dureza de meu coração!

VULCANO - Retiremo-nos! Seus membros já estão bem acorrentados!

O PODER - Insulta agora daqui os deuses, ó Prometeu! Rouba-lhes as honras divinas, para dá-las a seres que não viverão mais que um dia! Poderão, por acaso, os mortais, minorar teu suplício? Em vão te deram os deuses o nome de Prometeu... Tu, sim! - precisas de um Prometeu que te liberte!

PROMETEU , sô.



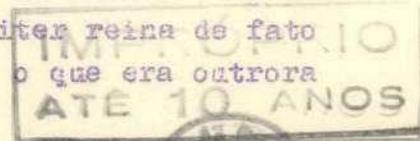
PROMETEU - Ó divino éter! Ó sopro alado dos ventos! Regatos e rios, ondas inumeráveis, que agitais a superfície dos mares! Ó Terra, mãe de todos os viventes, e tu, ó Sol, cujos olhares aquecem a natureza! Eu vos invoco!... Vede que sofrimento recebe um deus dos outros deuses! Vede a que suplício ficarei sujeito durante milhares de anos! E que hediondas cadeias o novo senhor dos imortais mandou forjar para mim! Oh! eis-me a gemer pelos males presentes, e pelos males futuros! Quando virá o termo de meu suplício? Mas... que digo eu? O futuro não tem segredos para mim; nenhuma desgraça imprevista me pode acontecer. A sorte que me coube em partilha, é preciso que eu a suporte com resignação. Não sei eu, por acaso, que é inútil lutar contra a força da fatalidade? Não me posso calar, nem protestar contra a sorte que me esmaga! Ai de mim! Os benefícios que fiz aos mortais atraíram-me este rigor. Apoderei-me do fogo, em sua fonte primitiva; ocultei-o no cabo de uma fêrula, e ele tornou-se para os homens a fonte de todas as artes e um recurso fecundo... Eis o crime para cuja expiação fui acorrentado a este penedo, onde estou exposto a todas as injúrias! Oh! ai de mim! Que rumor será este? Que estranho perfume vem para mim? Será de origem divina ou mortal? Ou de uma e de outra ao mesmo tempo? Quem quer que seja, virá apenas contemplar meu sofrimento, ou que outro motivo o traz? Vede, eis aqui, coberto de correntes, um deus desgraçado, incurso na cólera de Júpiter, odioso a todas as divindades que frequentam seu palácio, tudo isso porque amei os mortais... Mas... que ouço agora? Será um rumor de aves que se aproximam? O ar se agita a um bater de asas... Seja o que for, tudo me apavora!

O CORO - Nada temas! É um bando amigo que, trazido pelas asas ligeiras, veio ter a este rochedo depois de haver obtido, a custo, o assentimento paterno. Ventos propícios conduziram-nos a esta montanha. O tinir do martelo chegou a nossas grutas, e fez com que, vencendo nossos temores, viéssemos descalças, em nosso carro alado.

PROMETEU - Ai de mim, fecundas filhas de Tétis e do pai Oceano, cujas águas circundam a terra, com suas ondas em perene movimento. Olhai! e vede, os laços por que sateu acorrentado a este íngreme rochedo, onde ficarei de sentinela, bem a meu pesar, pelos tempos a fora!

O CORO - Nós o vemos, ó Prometeu; e uma nuvem de terror, cheia de lágrimas, caiu sobre nossos olhos quando contemplamos teu corpo a arder, preso a este penedo, por essas aviltantes cadeias de ferro. Tudo isso porque novos senhores dominam agora o Olimpo: Júpiter reina de fato por novas e iníquas leis, e procura destruir tudo o que era outrora digno de veneração.

PROMETEU - Melhor fora que me precipitassem sob a terra, nos abismos impenetráveis do Tártaro, do próprio inferno de Plutão, destinado aos mortos, prendendo-me por indestrutíveis e cruéis cadeias, lá, onde



nem os deuses nem os mortais se pudessem alegrar com isso... Mas aqui, exposto ao ar, eu sofro, miserável, suplicios que são motivos de júbilo para meus inimigos!

O CORO - Oh! Qual dos deuses terá um coração tão duro, que se possa alegrar com tal espetáculo? Qual deles, exceto Júpiter, deixaria de se condoer de teu sofrimento? Irritado sempre, e inflexível, Ele não deixará de saciar sua crueldade sobre a raça celeste, até que um esfoço feliz lhe arranque um poder infelizmente agora sólido demais!

PROMETEU - Certamente, embora acabrunhado pelo peso esmagador destas duras correntes, o senhor dos imortais será coagido a recorrer a mim para saber em tempo qual a nova conspiração que lhe há-de arrebatrar o cetro e as honrarias. Mas em vão há-de empregar as mais terríveis ameaças; não lhe revelarei tal segredo enquanto não houver rompido estas correntes e consentido em reparar minha injúria.

O CORO - Sempre a mesma altivez! Tu não cedas, Prometeu, mesmo no cúmulo da desgraça! Tua voz nada respeita. O terror nos perturba; nós trememos por ti. Receamos que jamais possas ver o termo de teus suplicios. A alma do filho de Saturno é impenetrável. É seu coração inflexível.

PROMETEU - Júpiter é rígido, bem o sei; sua vontade só, é, para Ele, a justiça. No entanto, na iminência de imprevistos golpes, sua cólera indomável se há-de aplacar; e, com tanta solicitude como eu próprio teria, há-de procurar meu socorro e minha amizade.

O CORO - Dize, porém, sem nada ocultar, por que ofensa tua Júpiter ordenou que sofresses tão bárbaro tratamento? Qual foi teu crime? Fala, se é que isso não venha aumentar o teu sofrer.

PROMETEU - Ai de mim! Doloroso será, para mim, vo-lo contar, mas não menos doloroso silenciar; tudo agrava a minha angústia. O ódio acabara de romper entre os deuses em dissídio. Uns queriam, expulsando Saturno, dar o cetro a Júpiter; outros, ao contrário, esforçavam-se para afastá-lo do trono. Em vão procurei dar os mais prudentes conselhos aos filhos do Céu e da Terra, os Titãs; sua audácia desprezava todo o artifício, toda a habilidade; eles supunham triunfar sem esforço graças a seu próprio poder. Quanto a mim, Têtis, minha mãe e a própria Terra, adorada sob tantos nomes diversos, me tinham profetizado que, no combate prestes a travar-se, a força e a violência nada valeriam; o ardil, tão somente, decidiria da vitória. Quando lhes anunciei este oráculo, mal consentiram-me em ouvir-me! Em tal emergência, pareceu-me prudente, acompanhando minha mãe, adotar o partido de Júpiter, que insistia comigo para que o apoiasse. Graças a mim, e a meus conselhos, foi-lhe possível precipitar nos negros e profundos abismos do Tártaro o venerando Saturno e todos os seus defensores. Após tamanha serviço, eis o prêmio ignóbil com que me recompensou o tirano do céu! Tal é a prática frequente da tirania: a ingratidão para com seus inimigos. Mas o que tanto quereis saber; acusa do meu suplicio, eu vou dizer agora.

Logo que se instalou no trono de seu pai, distribuindo por todos os deuses honras e recompensas, ele tratou de fortificar seu império. Quanto aos mortais, porém, não só lhes recusou qualquer de seus dons, mas pensou em aniquilá-los, criando em seu lugar uma raça nova. Ninse opôs a tal projeto, excepto eu. Eu, tão somente, impedi que, destruídos pelo raio, eles fossem povoar o Hades. Eis a causa dos rigores que me oprimem, deste sapício doloroso, cuja simples vista causa pavor. Porque me apiedei dos mortais, ninguém tem pena de mim! No entanto, tratado sem piedade eu sirvo de eterna censura à prepotência de Júpiter.

O CORO - Que coração de granito, ou de ferro, deixará de partilhar de teu sofrimento, ó Prometeu? Nós, que o vimos, temos o coração transpassado pela dor.

PROMETEU - Sem dúvida, meus amigos se condoerão de mim.

O CORO - Mas... nada mais fizeste, além disso?

PROMETEU - Graças a mim, os homens não mais desejam a morte.

O CORO - Que remédio lhe deste contra o desespero?

PROMETEU - Dei-lhes uma esperança infinita no futuro.

O CORO - Oh! que dom valioso fizeste aos mortais!

PROMETEU - Além disso, consegui que eles participem do fogo celeste.

O CORO - O fogo?!... Então os mortais já possuem esse tesouro?

PROMETEU - Sim; e desse mestre aprenderão muitas ciencias e artes.

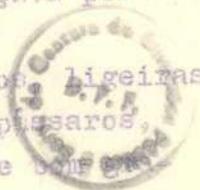
O CORO - E por isso é que Júpiter te castiga tão cruelmente? Não terás, por acaso, um repouso se quer? Vira, um dia, o termo de teus males?

PROMETEU - Nenhum fim, senão o que ele quiser.

CORO - E caso quererá ele, um dia? Não sentes o teu crime? Censura-lo, porém, não nos causa prazer, e agrava tuas dores. Silenciemos, pois, e trata de te libertar.

PROMETEU - É facil, para quem está no porto, excitar e aconselhar a quem se acha em plena tormenta! Eu haviaprevisto tudo... Eu quis cometer o meu crime! Eu o quis, conscientemente, ~~em~~ não o nego! Para acudir aos mortais, causei minha própria perdição, mas nunca supus que me veria assim consumido sobre estes rochedos, no cume deserto da montanha inabitável. Não vos limiteis, porém, em deplorar minha atual desgraça; descei junto a mim, vinde saber qual a sorte que me esta reservada; investigarei todo o meu destino; não recuseis<sup>o</sup> que vos peço; tende piedade de um infeliz. Ai de mim! O infortunio esvoaçava por sobre nós, e ameaça todas as cabeças.

O CORO - Tu nos convences sem demora, ó Prometeu! Desceremos ligeiras deste rápido carro e deixando as rotas aéreas e puras dos passaros, viremos ter junto desse rochedo escarpado; nós sabermos de ~~tuas~~ a história de tuas desgraças...



Não! ~~Minha~~ Não verei nunca sem comiseração, o habitante dos abismos da Sicília, o filho da Terra, esse gigante prodigioso, o audacioso Tifon, de cem cabeças, dominado por um braço vingador, ele, que desafiava a todos os deuses! Suas horrendas bocas exalavam a morte; faíscas fulminantes jorravam-lhe dos olhos... Ele deveria subverter o império de Júpiter... Mas a arma terrífica de Júpiter, o raio, que nunca dorme, precipita-se, e o atinge; suas ameaças são aniquiladas! Ferido pelo raio, ele é pulverizado até nas entranhas, suas forças destruídas e agora, cadáver inútil, jaz ao longo do mar, junto ao estreito, na vasta fornalha que crepita nos subterrâneos do Etna, em cujos topos Vulcano forja o ferro ardente. Um dia, de lá jorrarão rios de brasa, cuja vaga destruirá as planícies da formosa Sicília... Tudo ~~é~~ porque Tifon, exalando seu ódio, embora calcinado pelo raio, fará surgir ondas ardentes de uma tempestade de fogo que nunca mais se apagará.

PROMETEU - Tua sabedoria, Oceano, prescindir de meus conselhos... Deixa-me suportar minha sorte, até que a cólera de Júpiter se abrande.

OCEANO - Ignoras por acaso, ó Prometeu, que um discurso pode minorar a mais terrível cólera?

PROMETEU - Sim, quando se espera o momento oportuno; não se choca violentamente um espírito irritado.

OCEANO - Que perigo vês tu, em que eu o deseje e o tente conseguir?

PROMETEU - Será esforço inútil, loucura e simplicidade.

OCEANO - Consinto em sofrer desses males... O sábio que se faz de ingenuo, muitas vezes realiza melhor seus propósitos.

PROMETEU - Mas essa falsa tentativa me será atribuída.

OCEANO - Queres, então, que eu volte a meus domínios?

PROMETEU - Sim!... Tua piedade por mim só <sup>te</sup> pode grangear um inimigo.

OCEANO - Quem? O novo senhor do Céu?

PROMETEU - Ele mesmo. Evita desagradar-lhe.

OCEANO - Tua desgraça, sem dúvida, vale por uma terrível lição...

PROMETEU - Pois bem, não o esqueças nunca. Apressa-te em partir!

OCEANO - Eu creio e sigo teu conselho. Já esta alimaria ligeira agita, com suas asas, as vastas regiões do ar! Ela quer voltar, o mais breve possível, à sua habitação.

(Sai Oceano)

CORO - Ó Prometeu! Como imploramos o teu infeliz destino! De nossos olhos comovidos correm rios de lágrimas; nossas faces estão humedecidas pelo pranto. De que terrível poder dispõe Júpiter! Com sua arma poderosa ameaça aos próprios deuses, outrora venerados!

Tudo, nestas tristes paragens, sofre com teus gemidos. Chora-se a tua glória, deplora-se a perda de tuas antigas honras, e das de teus irmãos. Sim, todas as nações, todos os povos do continente sagrado da Ásia partilham de tuas penas: as mulheres valerosas nos combates,

que habitam a Cólquida; as tribas citas espalhadas pelos confins do mundo, ocupantes do escarpado Cáucaso, guerreiros ferozes, armados em suas lanças agudas.

Atlas, esse outro titã, era o único dos deuses que viamos em cadeias de dor, martirizado pelo sofrimento: Atlas que, sem repouso, sustém sobre os ombros o peso enorme, a calota do céu. Sorte miseranda! Rugem as ondas, quebrando-se a seus pés; geme o abismo, freme o antro sombrio de Platão, e até as límpidas fontes murmuram...

PROMETEU - Se me calo, não é por orgulho, ou desprezo; mas o furor devora minha alma quando me vejo preso a esta rocha. No entanto, a quem mais, senão a mim, devem os novos deuses as honras que desfrutam? Não falemos mais nisso; seria repetir o que já sabeis. Ouvi, somente, quais eram os males humanos e como, de estúpidos que eram, eu os tornei inventivos e engenhosos. Eu vo-lo direi, não para me queixar deles, mas para expor todos os meus benefícios. antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. Tais como os fantasmas que vemos em sonhos, viviam eles, séculos a fio, confundindo tudo. Não sabendo utilizar tijolos, nem madeira, habitavam como as próvidas formigas, cavernas escuras cavadas na terra. Não distinguiam a estação invernal da época das flores, das frutas e da ceifa. Sem raciocinar, agiam ao acaso, até o momento em que eu lhes chamei a atenção para o nascimento e ocaso dos astros. Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida. Fui eu o primeiro que preendi os animais sob o jugo, a fim de que, submissos á vontade dos homens, lhes servissem nos trabalhos pesados. Por mim foram os cavalos habituados ao fardo e moveram os carros para as pompas do luxo opulento. Ninguém mais, senão eu, inventou esses navios que singram os mares, veículos alados dos marinheiros. Pobre de mim! Depois de tantas invenções, em benefício dos mortais, não posso descobrir um só meio para pôr fim aos males que me torturam.

CORO - Agiste sem discernimento, e sofres por isso uma pena incrível! Médico incapaz para curar teus próprios males, perdes a esperança, e não descobres o remédio que te há-de salvar.

PROMETEU - Ouvi o resto, e ainda mais admirareis o valor das artes e indústrias que dei aos mortais. Antes de mim, - e este foi o meu maior benefício - quando atacados por qualquer enfermidade, nenhum socorro para eles havia, quer em alimento, quer em poções, bálsamos ou medicamentos: eles pereciam. Hoje, graças ás salutares composições que lhes ensinei, todos os males são curáveis. Elucidei-lhes todos os gêneros de adivinhações: fui o primeiro a distinguir, entre os sonhos, as visões reveladoras da verdade; expliquei-lhes os prognósticos difíceis, bem como os prognósticos fortuitos ou transitórios. Interpretei precisamente o voo das aves de rapina, bem como os augúrios, felizes ou

sinistros, que provêm de outros animais; fiz ver quando reina entre eles o ódio, ou a concórdia e a união: enfim, o que pode haver nas entranhas das vítimas, de agradável dos deuses, no aspecto e na cor; na beleza das formas do fel e do figado. Estendendo sobre o fogo, num envoltório de gordura, as partes internas e os membros dos animais, iniciei os mortais numa ciência difícil, dando-lhes a conhecer signos até então ignotos. E não é tudo: a prata e o ouro, quem se orgulhará de os ter descoberto, antes de mim? Ninguém a menos que se trate de um impostor. Em suma: todas as artes e conhecimentos, que os homens possuem são devidos a Prometeu.

CORO - Depois de haver prestado tamanhos benefícios aos mortais, não te abandones á desgraça. Estamos persuadidas de que poderias, liberto dessas cadeias, ser tão poderoso quanto Júpiter...

PROMETEU :- Não!... Não foi assim que dispôs o destino inexorável. Só depois de haver sofrido penas e torturas infinitas é que sairei desta fêrea prisão. A inteligência nada pode contra a fatalidade.

O CORO - E a fatalidade, quem a dirige?

PROMETEU - As três Parcas, e as Fúrias, que nada perdoam.

CORO - Será Júpiter, acaso, menos poderoso que essas divindades?

PROMETEU - Sim... Ele próprio não poderá eximir-se a seu destino.

CORO - Seu destino? Qual será seu destino, senão o de seinar para sempre?

PROMETEU - Nada mais pergunteis; convém cessar vossa insistência.

CORO - Tão terrível é, pois, o segredo que tu guardas?

PROMETEU - Façamos ponto aí... ainda não é tempo de revelar esse mistério. Que Ele permaneça mais oculto que nunca; de minha descrição depende a minha liberdade e o fim de meu sofrimento.

CORO - Que nunca Júpiter, o onipotente, queira usar a sua força em oposição a nossos desejos! Que nunca sejamos negligentes no culto devido aos deuses por hectacombe sagradas, junto às fontes eternas do Oceano, o nosso pai! Que jamis façamos o mal com as nossas palavras! Fiquem estas máximas indelévelmente gravadas em nosso espírito, para que nunca mais desapareçam!

É doce passar a ~~uma~~ uma vida imortal na segurança mais perfeita, nutrindo a alma com os mais puros prazeres do espírito... Não estremecemos de horror ao ver-te assim oprimido por tantas desgraças!

Misero Prometeu! Te não temes a Júpiter: por uma inclinação natural fizeste demasiado bem aos humanos. Onde está o fruto dessa dedicação inútil? Dize, infeliz - que socorro, que conforto te podem trazer essas criaturas efêmeras? Não sabes, por acaso, em que consiste essa vida transitória, semelhante aos sonhos, que iludem os pobres seres humanos? Não sabes que seus esforços jamais conseguirão prevalecer contra a vontade de Júpiter? Tua sorte funesta vale por uma lição para nós ó Prometeu?! Ai de ti! Como serão doravante os nossos hinos diferentes dos que cantávamos em torno de teu banho e de teu leite no dia ditoso em que, vencida por teus dons, nossa irmã Hesione se tornou tua esposa!

IO - Que país será este? Quem o habita? A quem vejo ali, acorrentado aqueles rochedos gelados? Por que crime está sendo assim punido? Dize-me: aonde me trouxe, neste momento, meu triste fado? É céus! Ó deuses! Como sou desgraçada! Já o moscardo me fere de novo! Ó terra! Afasta para longe esta sombra de Argos, teu filho: causa-me horror o aspecto deste monstro de cem olhos, que me persegue com seus perversos olhares! Nem a morte o faz parar! Pobre de mim! Ele sai dos infernos para me perseguir, para me obrigar a fugir, fãnta, por estas plagas sem fim! Debalde esta flauta, cujos tubos ainda prendem a cera, faz ouvir algumas dolentes melodias... Deuses imortais, onde estarei eu? A que região do mundo me trouxe esta carreira sem descanso? Filho de Saturno, de que crime fui culpada, para sofrer tão triste sorte? Por que motivo queres assim torturar uma infeliz que perdeu a própria consciência? Quero que me aniquile o teu raio, que a terra me esmague, ou que me devorem os monstros marinhos! Por que não atendes a esta minha súplica, ó deus poderoso!? Assaz já tenho sofrido nesta corrida infinita e penosa!... Poderei saber um dia quando esta desgraça terá fim?

CORO - Ouves tu, Prometeu, a voz desta jovem?

PROMETEU - Sim... Ouço a voz da infeliz a quem persegue um inseto cruel: é a filha de Ínaco, por quem Júpiter está apaixonado, e a quem Júpiter, ciumenta, obriga a fugir, sem repouso, numa corrida louca, por este mundo a fora.

IO - Como podes saber o nome de meu pai? Responde a esta infeliz!... Quem és tu? Se tu mesmo não passas de um desgraçado, como conheces tão bem os meus males? Tu bem sabes o que é este flagelo aéreo que me consome e me despedaça com seu ferrão cruel. Esfaimada, corri até aqui, aos saltos; uma força inimiga me oprime! Que miséras criaturas foram jamais atormentadas como eu? Dize, pois: que calamidades terei ainda a sofrer? Há remédio para meu mal? Se conheces algum, ensina-me por piedade; não há jovem que tenha sofrido tanto como eu, nesta carreira errante!

PROMETEU - Eu te direi claramente o que desejas saber; eu te direi sem enigmas, com toda a simplicidade, como se deve falar a um amigo. Vês aqui aquele que deu o fogo aos mortais: Prometeu!

IO - Ó benfeitor da Humanidade! Infeliz Prometeu! Como mereceste um tal suplício?

PROMETEU - Há pouco eu acabara esta lamentável história...

IO - Dize-me, porém, por favor...

PROMETEU - De mim tudo poderás saber!...

IO - Quem te acorrentou a este rochedo escarpado?

PROMETEU - A ordem de Júpiter e a mão de Vulcano.

IO - E de que crime és acusado?

PROMETEU - Já disse o que devia: é o que te deve bastar.

IO - Mas dize-me ao menos isto: qual será o fim desta minha carreira dolorosa?



PROMETEU - Bem melnor será que o ignores, do que conhece-lo.

IO - Oh! Não me ocultes coisa alguma do que me resta ainda sofrer!

PROMETEU - Visto que tanto empenho mostras, penso que devo satisfazer teu desejo.

IO - Pois bem...que mais esperas? Acaso invejas a minha sorte?

PROMETEU - Não... receio apenas despedaçar teu coração.

IO - Não me poypes mais do que eu me pouparia...

PROMETEU - Tu insistes... Devo, pois, falar... Ouve!

CORO - Espera um momento, Prometeu! Nós partilhamos da tua comiseração. Convém, primeiramente, que ouçamos dela própria, a história de seu tormento, e do infortúnio que a persegue. Dir-lhe-ás, em seguida, o futuro que lhe está reservado.

PROMETEU - Io, elas são irmãs de teu pai; tu debes atender a seus apelos. É sempre um conforto revelar nossas dores àqueles que nos ouvem condoídos, e nos comovem com suas lágrimas.

IO - Como poderia eu deixar de cumprir vosso desejo? Ouvi, pois, a história que tanto desejas conhecer, embora muito me custe recordar a causa do flagelo com que o céu me oprime, e da horrível transformação que tenho sofrido. Quando, no recessso de meu retiro virginal, ainda os sonhos me deleitavam, uma voz insidiosa me dizia: "Ô ninfa ditosa, por que incistes em conservar a tua virgindade, se podes realizar o mais glorioso himeneu? Por ti arde Júpiter na chama do desejo; contigo elel quer fruir os prazeres do amor. Filha de Ínaco, não desprezes o amor de Júpiter; corre às plagas de Lerna, àquelas campinas irrigadas por teu pai, e cede ao olhar amoroso de um deus que te adora." Pobre de mim! Tais eram os sonhos que me perseguiam todas as noites. Resolvi, finalmente, cientificar meu pai do que se passava. Ele enviou mensageiros a Pitos e a Dodona, a fim de indagar o que era mister para agradar aos deuses. Por algum tempo não obtive senão respostas ambíguas, cujo sentido se ocultava sob a mais impenetrável obscuridade. Deram-lhe, por ultimo, uma decisão oracular determinando que eu fosse expulsa de minha casa e de minha pátria, e condenada a vagar sem fim rumo aos confins do mundo. Se meu pai não obacesse, Júpiter desfecharia raios fulminantes, que destruiriam totalmente a nossa raça. Cumprindo esse oráculo de apolo, meu pai obrigou-me a partir para longe, em doloroso exílio. Ele assim agiu, eu bem sei, contra a sua, e a minha vontade; mas o poder de Júpiter o forçou a praticar tamanha violência. Desde logo minha razão e meus traços fisionomicos se alteraram: apontar estes chifres em minha frente; um moscardo me fere com seu ferrão agudo... Aos saltos, numa corrida louca, atirei-me a beber te benéfica do Cencreia, e procurei a fonte mais alta do Lerna. Um cão pastor, filho da Terra, o impiedoso Argos, seguia-me por toda a parte, observando-me com seus inúmeros olhos. Inesperado golpe privou-me repente, da vida; mas o terrível inseto, ifagelo divino, continuou a perseguir-me, expulsando-me de um país para outro. Eis o que tem s

sorte até o presente momento; visto que sabes o que ainda me resta a sofrer, dize-me: eu te peço! Não me iludas com uma mentira... Trair a verdade é o mais vergonhoso dos vícios.

CORO - Cessa! Cessa! Já é demais... Nunca ouvimos tão sinistra narrativa, nem vimos tão clamorosa desgraças! Um duplo golpe feriu nossas almas... Ó cruel destino! A sorte de Io nos enche de terror!

PROMETEU - Não choreis prematuramente; esperai até que tenhais de tudo pleno conhecimento.

CORO - Fala, Prometeu! Mesmo no infortúnio é um consolo saber o que se deve ainda sofrer.

PROMETEU - Obtiveste de mim facilmente a satisfação de vosso primeiro pedido; quiseste ouvir dela própria a história de seus males; ouvi agora o que Juno prepara ainda para amargurar esta desgraçada. E tu, filha de Inaco, conserva na lembrança o que te vou dizer; minhas palavras te instruirão quanto ao fim de tua carreira. Ao saires destes lugares, diriges teus passos para as portas do Oriente. Cortando o deserto que o arado nunca sulcou, chegarás ao país dos Citas nômades., povos armados de flechas, que por única vivenda têm cabanas de juncos, armadas sobre carros. Evita-os, e para atravessar seu país, procura as praias rochosas do mar sussurrante.. À tua esquerda estão os Calibes, forjadores do ferro; convém evitá-los também: são ferozes e poucos hospitaleiros. Atingirás as margens do rio orgulhoso, que não desmente seu nome. Não tentes atravessá-lo: a passagem só é possível junto ao Cáucaso avizinha-se das nuvens: será forçoso transpô-lo, e descer para o sul. Lá encontrarás as Amazonas, mulheres guerreiras, que detestam os homens, e que se fixarão um dia em Temiscira, perto do Térmodon, no ponto onde penetram no mar saliências da rocha Salmidei madgasta dos navios, hospedeira detestada pelos pilotos. As Amazonas conduzirte-ão com prazer... Chegarás, assim, ao istmo dos Cimérios, junto às gargantas estreitas do pântano Meótido. Ali, deixa com coragem a terra, e atravessa o mar: os mortais guardarão, para sempre, a memória de tua passagem: esse estreito, daí por diante, será chamado Bósforo. Então, não estarás mais na Europa, mas sim na Ásia... Então? Que dizes tu? Não é violento, esse tirano dos céus? Porque pretende conquistar teus favores - (um deus, a uma simples mortal!...) ele a condena a tão penosa viagem. Funesto amante, ó minha filha, a sorte maldosa te reservou! E o que ouviste não é, sequer, o simples prelúdio de tuas desgraças.

IO - Céus! Como sou infeliz!

PROMETEU - Tu suspiras, e gemes... Que farás, então, quando souberes de tudo?

IO - Para que me serve a vida? Por que não me precipito desta rocha escarpada? A pedra que me esmagasse seria minha salvação... melhor será morrer uma vez, do que penar todos os dias.

PROMETEU - Como suportarias, então, os tormentos que padeço eu, que estou impossibilitado de morrer! A morte ser-te-á, ao menos, o fim de teus sofrimentos, ao passe que minhas dores só terão fim quando Júpiter for despojado de seu poder.

IO - Que dizes? Perderá Júpiter, um dia, o seu império? Ah! Como eu folgaria se pudesse testemunhar esse fato! Nem poderia desejar outra coisa eu, a quem ele trata com tanta crueldade!

PROMETEU - Ele perdê-lo-á, fica certa.

IO - E quem lhe arrancará o tirânico cetro?

PROMETEU - Ele próprio, em consequência de sua louca temeridade.

IO - Como? Explica-te, se nisso não há perigo.

PROMETEU - Para seu mal, ele tomará uma esposa que o fará arrepender.

IO - Será deusa ou mortal? Dize-o, se poderes.

PROMETEU - Que te importa saber? A tal respeito guardarei segredo.

IO - Será ela própria, quem o há-de expulsar do trono?

PROMETEU - Ela dará a luz um filho mais forte que seu pai.

IO - E Júpiter não poderá evitar esse golpe?

PROMETEU - Não... Antes que isso aconteça, eu estarei livre destas correntes.

IO - E quem te libertará virá libertar, contra a vontade de Júpiter?

PROMETEU - Um de teus descendentes... É o que terá de acontecer.

IO - Que dizes tu? Um de meus filhos virá dar fim a teus sofrimentos?

PROMETEU - Sim: o terceiro que nascer, depois de dez gerações.

IO - Como este oráculo é difícil de entender-se!

PROMETEU - Não tentes pesquisar mais, nem conhecer os pormenores de teu futuro!

IO - Tu me deste um prazer; não me retires mais...

PROMETEU - De dois vaticínios, eu só te concederei um.

IO - Quais são eles? Dize-me, e dá-me o direito de escolher.

PROMETEU - Escolhe, pois: ou sabes o que te resta a sofrer ainda, ou o nome de meu libertador.

GORO - Ó Prometeu, concede a ela uma dessas graças, e a nós a outra. Não recuses atenção a nossa súplica... Que Io saiba por onde terá de vagucar ainda; e nós, o nome de teu libertador. Estamos desejosas de sabê-lo.

PROMETEU - Vós assim exigis, e eu nada vos posso negar! Io, vou desejar crever-te tua dolorosa carreira: grava-a profundamente na memória. Logo que transpuseres as águas agitadas do estreito que separa os dois continentes, caminharás para as portas inflamadas do sol, até os campos dos Gorgônios de Cistínia, onde vivem as três velhas, filhas de Fórcis, as três irmãs com aspecto de cisne, que só têm um dente, e um só olho em comum, e que jamais verão os raios do sol, nem o astro da noite. Não estão longe as três outras irmãs, as aladas Górgonas, monstros execrados pelos humanos; suas cabeças ericadas de serpentes

quem as contemplar, morrerá imediatamente; ficas avisada do perigo. Mais verás outro espetáculo tremendo: os grifos, de longo pescoço, os cães mudos de Júpiter. Foge deles o quanto puderes! Evita, também, os guerreiros que só têm um olho, os Arimaspos, sempre cavalgando, habitantes das margens de Plutão, que rola o ouro em suas ondas. De lá passarás a um país longinquo, de um povo negro, fixados nos limites do Oriente, no sitio de onde sai o rio da Etiópia. Acompanharás a corrente do Nilo até o passo onde, do alto dos montes de Biblis, ele precipita suas águas magestosas e salutares. Seu curso levar-te-á à ilha a ilha triangular do Egito. Nesse lugar, ó Io, é que uma numerosa geração sairá de ti, e de teus filhos. Minha predição parece-te obscura e incompreensível? Faze tuas perguntas, porque posso tudo esclarecer; para isso, bem contra a minha vontade, tenho tempo de sobra.

CORO - Se ainda houver dolorosas corridas a predizer, que tu esqueces-te, termina; se já disseste tudo, concede-nos a nossa vez, a graça que te pedimos, não te esqueças!

PROMETEU - Io já sabe qual será o termo de sua viagem; mas para garantir-lhe que minha predição não falha, dir-lhe-ei o que tem sofrido até vir aqui. Isto será uma prova de minha infalibilidade. Omitirei numerosas circunstancias, para aludir somente a suas mais recentes peregrinações.

Quando chegaste aos campos Molóssios, junto da alta Dodona, onde permanece a profetiza dos deuses Tésprotas, e onde existem - incrível prodígio! - os carvalhos que falam, estes, em linguagem clara, sem enigmas, saudaram-te como "futura esposa de Júpiter", (se é que esse título te agrada ainda) novo acesso te arrebatou, e correste ao longo das praias até o vasto golfo de Reia, de onde retrocedeste ao ponto de partida. O nome de Jônio ali ficou, sem dúvida, como um eterno monumento de tua viagem, ao longo daquele golfo. Por aí tu ves que meu espírito alcança além do tempo presente. Ouvi, agora, todas vós, o que tenho ainda a revelar: tomarei minha primeira predição. Em terras do Egito, nos próprios areais que o Nilo banha, esta a cidade de Canopo. Ali, acariciando-te, Júpiter há-de restituir-te a razão. Terás um filho, o escuro Epafus, cujo nome recordará a aproximação dessa divindade.

Epafus cultivará extensa planície que o rio alaga em suas cheias. Cinco gerações depois dele, cinquenta irmãs, para evitar um criminoso consórcio, com os filhos de seu tio, refugiaram-se em Argos. Os noivos, porém, levados pela paixão, como a ave de rapina que persegue a tímida pomba, irão em busca de um himeneu que não deveriam ter procurado. O céu, invejoso, vai puni-los. A terra pelágica receberá os corpos desses infelizes, imolados pelo ferro assassino das mulheres, que assim agiam nas trevas da noite. Cada esposa ( que Vênus faça o mesmo a meus inimigos) - mergulhando um punhal de afiado gume no peito do esposo, privou-o da vida. Uma única, induzida pelo amor, não dará a morte ao companheiro... Faltou-lhe o animo ... Forçada a escolher preferiu que a chamassem de covarde, a ser assassina. Dela nascerá uma família real em Argos. Para contar passo a passo a história dessa dinastia preciso fora um longo discurso. Dessa estirpe nascerá o herói famoso que, com suas flechas, dará fim ao meu tormento. Tal é o oráculo que a antiga Titânide, Têmis, minha mãe, me revelou. Dizerte como, e quando isso acontecerá, eis o que exigiria demasiado tempo, e tu nada lucrarás em ouvir.

IO - Céus! Um novo acesso, um novo furor me inflama! O moscardo fereme de novo com seu ferrão ardente; meu coração bate-me, agitado pelo terror, no peito. Meus olhos já se perturbam, e vejo tudo girar em torno de mim. Arrebata-me a loucura... a língua já se recusa a obedecer e a razão luta em vão contra um odioso vendaval de insânia...

CORO - foi um sábio, sem dúvida, aquele que teve a primazia em afirmar que cada qual se deve unir a seu igual, pois quem vive de seu trabalho não deve ambicionar a aliança nem do rico afeminado, nem do nobre orgulhoso. Jamais, ó Parcas, nos destineis ao amor de Júpiter, nem de qualquer outro habitante do Olimpo. Trememos de terror ao ver a pobre Io virgem ainda, evitando o amor de Júpiter, e, apesar disso, forçada por Juno a esta corrida exaustiva. Não há perigo numa união bem proporcionada? e ninguém a deve temer, mas, ...ó amor, fazei que nunca um Deus poderoso nos veja e nos cobice... A luta seria um extremo desigual, cheia de esforços inúteis. Que seria de nos? Como fugiríamos a

Júpiter?

PROMETEU - Embora orgulhoso, Júpiter será humilhado um dia... Tal o fructo do eniace que egeç deseja, e que será a causa da ruina de seu trono, e de seu poderio. Realizar-se-á, então, integralmente, a maldição que contra ele lançou Saturno quando foi expulso da antiga sede de seu império. De todos os deuses, só eu poderia ensinar-lhe como evitar essa desgraça; só de mim se poderia obter essa revelação. Nesse dia, em vão ele se porá do alto das nuvens, agitando nas mãos os seus dardos inflamados: nada o salvará de uma queda ignominiosa. Eu vejo como ele próprio está criando o seu inimigo, o prodigioso atleta, difícil de vencer, que lançará fogos mais ardentes que o raio, fará ruidos mais fortes que o trovão, e quebrará o tridente de Neptuno, esse flagelo marítimo que abala a terra. Naufragando nesse baixio, Júpiter parenderá, então, o quanto é diferente servir, de dominar.

CORO - Seu desejo é que fas a predição!

PROMETEU - Sim... eu prenuncio.... e o que eu desejo é o que acontece!

CORO - Será possível que Júpiter venha a ter, um dia, um senhor?

PROMETEU - Sim! E não será a última de suas desditas.

CORO - E tu não tremas pronunciando tais palavras?

PROMETEU - Que posso eu tremer? O destino me fez imortal!

CORO - Mas Júpiter pode agravar teus tormentos...

PROMETEU - Que seja! Estou preparado para tudo.

CORO - É um sábio aquele que teme a Adrasteu.

PROMETEU - Respeitai, implorai, venerai eternamente esse déspota: para mim Júpiter é o que mais desprezo. Exerça ele contra mim, como quizer, o seu poder transitório: ele não há-de reinar muito tempo sobre os deuses. Mas... vejo que se aproxima o seu mensageiro, o ministro desse moderno tirano... sem dúvida vem comunicar-me alguma nova decisão..

MERCURIO - É a ti, espírito sutil, vaso de amargura, inimigo confesso dos deuses, benfeitor dos mortais, roubador do fogo celeste, é a ti que eu falo! Declara - é meu pai que ordena! - Qual é o hinenu que te comprazes em falar, que lhe há-de custar o império? Nada de enigmas, ou de velados mistérios: urge que tudo reveles! Prometeu! Não me obrigues a trazer-te uma segunda mensagem. Não é pela revolta, bem o sabes! - que se alcança a complacência de Júpiter.

PROMETEU - Que discurso arrogante e soberbo! E como fica bem ao ministro dos deuses! Novos senhores de um novo império, vós acreditais habitar pátios inacessíveis ás desgraças... Posi bem! Por acaso não vi eu caírem dois tiranos? Verei a queda do terceiro: será a mais rápida e a mais vergonhosa. Pensas por ventura que me acovarde, e que me submeta a esses novos deuses? Longe disto estou. Mercúrio! Podes ir-te embora! Volta sem tardança ao lugar de onde viestes: nada mais saberás por mim.

MERCÚRIO - Eis o invencível orgulho que tantas desgraças já te causou

PROMETEU - Sabe que eu não consentiria em trocar minha miséria por tu escravidão. Prefiro, sim! prefiro jazer acorrentado a este penedo, a ser o mensageiro e confidente de teu pai. Eis aí como podemos ferir aqueles que nos maltratam.

MERCÚRIO - Sem dúvida, estás, presentemente, numa situação deliciosa!

PROMETEU - Minhas delicias... ah! - por elas hão-de passar meus inimigos, e tu em primeiro lugar!

MERCÚRIO - Oh! Porventura tu me atribues a tua desgraça?

PROMETEU - Só tenho uma palavra: odeio a todos os deuses que, depois de receber meus benefícios, me ferem injustamente.

MERCÚRIO - Tens a razão conturbada, bem se vê; o mal é violento...

PROMETEU - Pois que ele se agrave ainda, se é um mal detestar seus inimigos!

MERCÚRIO - Como serias insuportável se dominasses um dia!...

PROMETEU - Ai de mim!

MERCÚRIO - Eis aí uma exclamação que Júpiter não conhece!

PROMETEU - Pois há-de aprendê-la, com o tempo, que tudo amadurece e transforma.

MERCÚRIO - No entanto, não te fez mais prudente, como deveria ter acontecido.

PROMETEU - Enganas-te! E a prova é que nada te revelarei, vil escravo

MERCÚRIO - Nada dirás, então, do que meu pai te ordena?

PROMETEU - Devo-lhe tantos benefícios, que, como vós, tenho obrigação de retribuir!...

MERCÚRIO - Prometeu, tu zombas de mim, e trata-me como a uma criança

PROMETEU - Por acaso não é uma infantilidade o pretenderes arrancar de mim uma revelação? Não há tormentos, nem artificios que me forcem a elucidar esse mistério a Júpiter enquanto não forem rompidas as correntes que me prendem! - assim tenho dito! Agora, quando os cintilantes coriscos caem com estrôndo, e os fogos subterrâneos se confundem com a neve que branqueia as alturas, revolucionando a natureza, nada me fará ceder, e eu não revelarei o nome daquele que o há-de descerubar do trono.

MERCÚRIO - Dize, porem: de que te serve essa obstinação?



PROMETEU - Tudo já está por mim previsto: há muito tempo que esta minha resolução está tomada!

MERCÚRIO - Insensato! Por que não há-de aprender, ao cabo de tanta desgraça, a agir com sabedoria?

PROMETEU - Incistes em vão, Mercúrio! Para tuas palavras sou surdo como uma onda. Não penses que, temendo os designios de Júpiter, medroso como uma donzela, eu erga as mãos e implore a piedade àquele que é objeto de todo o meu rancor, para que me liberte destas cadeias. Di so bem longe estou.

MERCÚRIO - Vejo que meu apelo é inútil, e que meus conselhos não conseguiram convencer-te. Tal qual um cavalo indomável, não afeito ao jugo, mordes o freio e resistes... Mas teu redobrado furor nada vale, afinal. Nada mais impotente do que o mergulho dos insensatos. Visto que não logrei persuadir-te, pensa, ao menos, na tempestade de novas desgraças que há-de cair sobre ti. Júpiter, por meio de raios, espedaçará este rochedo escarpado; teu corpo permanecerá esmagado sob os fragmentos da montanha. Ao cabo de longo tempo, reaparecerás um dia... Então, um abutre insaciável, - o cão alado de Júpiter - virá arrancar de teu corpo enrrmes pedaços e, - comensal não desejado - voltará todos os dias para se nutrir de teu fígado negro e sangrento. Desse tremendo suplício não esperes ver o fim, salvo se algum deus quiser ficar em teu lugar, a descer aos antros do invencível Plutão, nos redutos sombrios do Tártaro. Pensa, pois, eu te conjuro! - o que digo não é uma série de vãs ameaças; é uma sentença inapelável. A boca de Júpiter não mente nunca; o que ele diz, realiza-se inexoravelmente. Pensa, e pondera, Prometeu; a timosia não vale tanto como a prudência.

CORO - Mercúrio quer que abandones esse orgulho e adotes uma decisão sensata, ó Prometeu. O que ele diz, afigura-se-nos razoável... Crê! Para o sábio é uma vergonha perseverar no erro cometido.

PROMETEU - Eu já sabia tudo, tudo, o que ele acaba de me anunciar!... Que um inimigo sofra todo o mal que lhe pode fazer outro, nada é mais natural. Pois que caíam sobre mim os raios fulminantes; que os ventos furiosos inflamem os céus; que a tempestade, agitando a terra em seus fundamentos, abale o mundo; que flagelos sem exemplo confundam as vagas do oceano com as estrelas da abóbada celeste; que Júpiter, usando seu invencível poder, precipite meu corpo nos abismos do Tártaro; faça ele o que fizer!... eu hei-de viver!

MERCÚRIO - Palavras tais não são de um insensato? Que mais falta para esse delírio? Se a sorte o ajudasse, onde cessaria, jamais, o seu vesânico furor? Mas vós, ninfas do mar, vós que tendes pena da vítima de tantos horrores, afastai-vos destes sítios; o horrendo fragor do trovão pode abalar demais vossos puros espíritos.



CORO - Oh! Dá-nos conselhos a que possamos obedecer... Não podemos nos conformar com tão sinistros ditames. Queres, por acaso, arrastar-nos à ignomínias? Não! Nós partilharemos de tudo o que êle tiver de sofrer... Detestamos a traição... de todos os vícios, ê o que mais nos causa horror.

MERCÚRIO - Lembrai-vos, ao menos, do que vos preveni!... Se a calamidade que se aproxima vos atingir, não acuseis a sorte... nem digais que Júpiter vos feriu com imprevistos golpes de violência. De vós, tão somente, será a culpa... Postes em tempo avisadas! Não será, pois, por falta de luzes, ou de tempo, que sereis imprudentemente arrastadas pela rêde das desgraças.

PROMETEU - Com efeito, não foi uma ameaça. arenas: a terra põe-se a tremer... O soturno ronco já se faz ouvir... Turbilhões de poeira se erguem... todos os furocões desencadeados parece que estão contra mim! Contra mim, é que Júpiter desfecha tão horrendos cataclismos.

Ô minha augusta mãe; ô tu, divino éter que cercais o universo de luz eterna... vede que injustos tormentos me fazem sofrer! Mes assim como o tempo que tudo amadurece e transforma, assim também um dia os mortais atingirão o poder e a ferro e fogo varrerão do universo todos os destas. todos os opressores.

fim



Teatro de Arena 31/3/69

